

U-TOPOS: CENTRO DE PESQUISA SOBRE UTOPIA

Jornada de Estudos *Utopia e ficção científica*
UNICAMP, 22 de novembro de 2011

Nesta Jornada de Estudos o **Centro de Pesquisa sobre Utopia U-TOPOS** pretende discutir o substrato temático comum à utopia e à ficção científica: ambas as manifestações tratam, com o recurso dos mundos imaginários, das mais urgentes questões da época que as produziu.

Os dois elementos constituintes do nome devem ser sublinhados: a *Ciência* e a *Ficção*. Gênero, tempo, memória, identidade, tecnologia, virtualidade e perspectiva são algumas das palavras-chave dessa discussão, que convoca as questões literárias, históricas, sociais, econômicas e políticas em uma perspectiva multidisciplinar. Partindo deste pressuposto, uma série de questões se coloca: Em que medida a utopia e a ficção científica convergem? Quais são suas especificidades? Qual o papel da imagem antecipatória em um e em outro? A determinação tecnológica seria igualmente essencial em ambas as manifestações?

Possivelmente a Ficção Científica tenha se constituído sobre o trauma histórico trazido pelo progresso científico, cujo início pode ser localizado no âmbito do Romantismo, contemporâneo da revolução industrial e do conseqüente divórcio entre o poder avassalador da nova técnica e uma ética insuficiente para estes tempos. O paradigma do problema é, sempre, *Frankenstein - o Moderno Prometeu*, de Mary Shelley (1818), obra infinitas vezes retomada: afinal, poderá o homem substituir Deus como criador da vida e de outros mundos?

A Ficção Científica percebeu a dessacralização promovida pela Revolução Industrial ao criar a Máquina, esta criatura que opera em um tempo dessemelhante ao do homem, e ao devassar a Natureza, anteriormente concebida como mistério.

A quebra da ordem cósmica arcaica, de alto valor para o romântico, gera um poder sobrenatural, desprovido, entretanto de uma ética correspondente. A ética, entendida como o controle humano sobre a vida, foi suplantada pela eficácia econômica, que não se subordina aos ditames e valores humanos.

Esse poder técnico cria sem a hesitação de um vestibulo moral um mundo sem justificativas para suas construções e personagens: o mundo dos simulacros, do homem sintético, sem alma, a cidade das máquinas, o terror nuclear, a realidade paralela, as criaturas de código incompreensível para a razão humana, já em vias de ser descartada. O tempo, como História, aparece desgovernado.

Em sua abundante série, na literatura, no cinema e em outros meios, a Ficção Científica registra, como os mitos e as tragédias de outro tempo, a irrupção do grotesco no mundo, dos monstros que são o sintoma da quebra da ordem do cosmo, da dissolução do homem como medida de todas as coisas.

Local: Antiga Sala do Telão do IEL/UNICAMP

Datas: 22 de novembro de 2011

22/11/2011 (terça-feira)	
9:00	ABERTURA
9:30	<p><u>Mesa 1: Ficção científica brasileira</u> <u>Moderador: Carlos Berriel</u></p> <p>Ana Cláudia R. Ribeiro (UNINCOR): Arqueologia da ficção científica brasileira: notas sobre as <i>Páginas da história do Brasil escrita no ano 2000</i>, de Joaquim Felício dos Santos</p> <p>Cilene M. Pereira (UNINCOR): “O capitão Mendonça”, uma ficção científica machadiana?</p> <p>Emerson Tin (FACAMP): Ficção científica no Brasil: <i>O presidente negro</i>, de Monteiro Lobato</p> <p>Daniela Spinelli (UNICAMP): Considerações sobre <i>A República 3000</i>, de Menotti del Picchia</p>
11:00	<p><u>Mesa 2: Ficção científica no século XX</u> <u>Moderador: Edwiges Morato</u></p> <p>André Cardoso (UFF): O espaço da troca: a comunicação sem palavras na trilogia <i>Xenogenesis</i> de Octavia Butler</p> <p>Helvio Moraes (UNEMAT): Uma Leitura de <i>The Machine Stops</i>, a distopia tecnológica de E. M. Forster</p> <p>Elton Furlanetto (USP): Futuro como ruptura: a crítica materialista-histórica de ficção científica e utopia</p> <p>Arthur Soffiati (UFF): A crise ambiental da atualidade e seus reflexos na literatura brasileira</p>
14:00	<p><u>Mesa 3: Memória, ciência e ficção científica</u> <u>Moderador: Helvio Gomes Moraes Jr.</u></p> <p>Edwiges Morato (UNICAMP): Reflexões em torno da <i>confabulação</i> ou da fabricação da memória: continuidade ou ruptura entre ficção e realidade?</p> <p>Ivone Gallo (U-TOPOS): <i>Charles Fourier</i>: a reconstrução do mundo em utopia e ficção científica</p> <p>Alfredo L. Suppia (UFJF): A Babel do Futuro: Por uma tradução da arquitetura eloqüente em Metrópolis e Blade Runner</p> <p>Fernando Morato (UNICAMP): A ficção do cientista</p>
15:30	<p>Conversa sobre a ficção científica brasileira: Carlos Orsi e Alfredo Suppia</p>
16:30	<p><u>Mesa 4: Ficção científica brasileira e inglesa</u> <u>Moderador: Ivone Gallo</u></p> <p>Bruna Caixeta (UNICAMP): História das viagens à lua: um percurso e uma apresentação de <i>Man in the Moone</i> de Francis Godwin</p> <p>Humberto G. Pereira (UNINCOR): Ficção Científica em Minas Gerais: Considerações sobre Infinito em Pó, de Luís Giffoni</p> <p>Daniel Castello Branco Ciarlini (UESPI): Uma introdução ao estudo da moderna ficção científica brasileira a partir de Berilo Neves</p> <p>Milene Baldo (UNICAMP): O simulacro do ser humano de Brian Aldiss</p>

Arqueologia da ficção científica brasileira: notas sobre as *Páginas da história do Brasil, escritas no ano 2000*, de Joaquim Felício dos Santos

Ana Cláudia Romano Ribeiro (UNINCOR)

De 1868 a 1872 Joaquim Felício dos Santos publicou, no jornal republicano “O Jequitinhonha”, de Diamantina, as *Páginas da história do Brasil escrita no ano 2000*, considerada como a primeira ficção científica brasileira. Na primeira parte das *Páginas*, escrita de agosto de 1868 a dezembro de 1869, um historiador, no então longínquo ano de 2000, registra os acontecimentos do reinado de Pedro II do ponto de vista dos liberais. A segunda parte descreve uma viagem no tempo: o Imperador viaja ao Brasil do século XXI; à descrição do futuro soma-se a crítica do “passado”, ou seja, do cenário político e dos costumes do império. Esta comunicação visa discutir o gênero desse folhetim satírico: seria ele realmente uma ficção científica?

“O capitão Mendonça”, uma ficção científica machadiana?

Cilene Margarete Pereira (UNINCOR/UNICAMP)

Machado de Assis (1838-1908) publicou o conto “O capitão Mendonça” em abril e maio de 1870 no *Jornal das famílias* – periódico conservador voltado à elite brasileira. Na época, o autor já contava com uma série de narrativas neste periódico para o qual colaborava desde 1864. Ao contrário destas, em que se priorizava a temática amorosa, “O capitão Mendonça” se inscreve numa outra linhagem, a do fantástico ao qual o tema amoroso aparece subordinado. O que se propõe nesta comunicação é uma leitura deste conto, buscando discutir sua associação ao gênero da ficção científica por meio de sua inserção no gênero fantástico.

Ficção científica no Brasil: *O presidente negro*, de Monteiro Lobato

Emerson Tin (FACAMP)

O objetivo desta comunicação é o de analisar em que medida o romance *O presidente negro ou O choque das raças* (1926), de Monteiro Lobato (1882-1948), insere-se, por um lado, na produção do escritor e, por outro, na então incipiente produção de ficção científica no Brasil. Pretende-se ressaltar os aspectos ficcionais e literários do romance, em geral pouco analisados ou, até mesmo, negligenciados diante de interpretações especulativas a respeito de supostas filiações ideológicas de seu autor.

Considerações sobre *A República 3000*, de Menotti del Picchia

Daniela Spinelli (UNICAMP)

Depois de se dedicar à criação de “A Tormenta”, romance histórico que se propõe a narrar os acontecimentos da breve batalha que tomou a cidade de São Paulo em 1924, Menotti del Picchia, ainda traumatizado, se dedica a escrever um texto completamente diverso. O objetivo não é mais aquele de um relato realista, e sim um mergulho na fantasia, para “fazer varrer do espírito” as imagens sangrentas testemunhadas. “República 3000” é um relato de viagem, sobre uma expedição científica do exército brasileiro ao sertão da Serra dos Baús, em que fenômenos trágicos e estranhos ocorrem. Logo no início da viagem, acontecem inúmeras catástrofes à pequena expedição de quinze soldados, que acaba por ser dizimada até sobram apenas dois militares e um cachorro: capitão Frágoso, soldado Maneco e Faisca. Na esperança de sobrevivência de alguns dos companheiros, que haviam sido supostamente capturados por selvagens, os três aventureiros partem em busca da tribo. Os dois militares e o cachorro

encontram um estranho cemitério de ossos, oriundos dos mais diversos tipos de animais e seres humanos de todos os tempos. O local parece ser protegido por um estranho campo magnético que acaba por eletrocutar Faísca e os conduz a uma cidade futurista no meio da selva brasileira. Trata-se, portanto, de um dos raros relatos de ficção científica produzidos pelo Modernismo Brasileiro, onde Menotti del Picchia propõe, através da fantasia, a existência de uma cidade tecnológica localizada no coração da mata.

O espaço da troca: a comunicação sem palavras na trilogia *Xenogenesis* de Octavia Butler

André Cardoso (UFF)

Na trilogia de ficção científica *Xenogenesis*, de Octavia Butler, o surgimento de híbridos de seres humanos com alienígenas inaugura uma nova subjetividade utópica, caracterizada pela fluidez e pela união dos indivíduos através de uma comunicação sem palavras em que impressões e emoções circulam sem o intermédio da linguagem. Um ideal de comunicação semelhante pode ser encontrado na cultura sentimental que tomou a França e a Inglaterra em meados do século XVIII, tendo sua expressão paradigmática na pequena comunidade de Clarens, no romance *Julie, ou la nouvelle Héloïse*, de Jean-Jacques Rousseau. O objetivo deste trabalho é, através de uma comparação desses dois textos de gêneros tão diferentes e escritos em contextos tão distintos, examinar os possíveis significados da retomada do modelo de comunicação sentimental no âmbito da ficção-científica norte-americana do final do século XX, sua relevância nesse novo contexto, e as possibilidades utópicas que ele apresenta, lançando uma nova luz sobre os impasses que a imaginação utópica parece enfrentar nos dias atuais.

Uma Leitura de *The Machine Stops*, a distopia tecnológica de E. M. Forster

Helvio Moraes (UNEMAT)

Pretendemos apresentar uma leitura da famosa novela de E.M. Forster, *The Machine Stops* (1909), buscando perceber a crise de um paradigma da utopia clássica, gênero literário com o qual dialoga, ao mesmo tempo em que se inscreve no então incipiente gênero da ficção científica. Tal paradigma funda-se na mais absoluta conjunção entre a individualidade e as aspirações do corpo social, motivadas e reguladas pelo aparato estatal. Assim, em oposição a esta imagem de Estado, cujas instituições se fazem compreender com clareza e se refletem no espírito de seus habitantes, teremos a imagem sombria de um Estado injusto, imperscrutável, em que os homens são lançados à margem da vida pública, não se reconhecem como parte de uma espécie de organismo social. Ao contrário do mundo de Morus, os mundos outros do século XX se orientam para a destruição da experiência coletiva. Quando não, tal experiência é representada como uma doença, manifestação de vivências esvaziadas de sentido, mesmo que não conscientes. Do Estado ainda se originam as leis, os preceitos que regulam a vida dos homens. Mas sua face não se mostra, nem mesmo como simulacro da imagem de homem da qual ele mesmo é criador e formador. Tal é o caso da novela de E. M. Forster, que nos mostra um mundo totalmente governado pela Máquina e em que a ciência é uma espécie de nova religião. Como objetos de adoração, os avanços científicos, se é que podemos denominá-los avanços, não são colocados em questão, da mesma forma que não é questionada a ordem social instaurada pelo aperfeiçoamento tecnológico, um mundo em que as pessoas chegaram ao limite extremo do isolamento, habitando pequenas células, semelhantes a alvéolos de colmeia. Neste sentido, atenção também será dada à visão crítica em relação à ideia do progresso científico e tecnológico como redentor da humanidade, visão esta que Forster parece compartilhar com certos escritos de H. G. Wells, seu contemporâneo, e com outros autores de ficção científica de meados do século XX, como Ray Bradbury, Philip K. Dick e Kurt Vonnegut Jr.

Futuro como ruptura: a crítica materialista-histórica de ficção científica e utopia

Elton Luiz Aliandro Furlanetto (USP)

Buscarei fazer um breve apanhado sobre um segmento da crítica de ficção científica produzida em língua inglesa desde o final dos anos 1970. O foco central serão obras importantes de críticos materialista-históricos, como Darko Suvin e Fredric Jameson - especialmente seu *Archaeologies of the Future* (2005).

A crise ambiental da atualidade e seus reflexos na literatura brasileira

Aristides Arthur Soffiati Netto (UFF)

A crise ambiental planetária que atualmente testemunhamos não é assunto externo à humanidade. Ela é tão real quanto as questões econômicas, sociais e políticas, que alimentaram e ainda alimentam a literatura universal. Em todo o mundo, a crise ambiental da atualidade vem sendo abordada pela literatura de prosa e de poesia. No Brasil, os principais autores a se preocuparem com ela na poesia são Carlos Drummond de Andrade, Luiz F. Papi, Lêdo Ivo e José Paulo Paes, e na prosa ficcional Ignácio de Loyola Brandão e João Ubaldo Ribeiro, que produziram romances que contêm profundas reflexões em termos de distopia, no mesmo plano das obras do gênero produzidas na Europa e nos Estados Unidos.

Reflexões em torno da *confabulação* ou da fabricação da memória: continuidade ou ruptura entre ficção e realidade?

Edwiges Maria Morato (UNICAMP/CNPq)

Nesta comunicação pretendo destacar, tendo como pano de fundo alguns debates atuais em torno da memória humana no campo (interdisciplinar) das Neurociências, determinadas formulações que envolvem, no referido campo, as relações entre biologia e cultura, memória humana e memória artificial, lembrança e esquecimento.

Para o desenvolvimento dessa reflexão, pretendo focalizar o que no terreno dos estudos neuropsicológicos/neurobiológicos se convencionou chamar de *confabulação* – a fabricação ou invenção de *falsas memórias* - tomada ora como uma espécie de “mentira honesta” (posto que sua produção seria involuntária ou inconsciente em indivíduos com alterações neurológicas ou psíquicas), ora como reação humana às injunções ético-discursivas decorrentes da falibilidade constitutiva da memória, ora como resultado da *reformatação* (neuro-cognitiva) de lembranças e esquecimentos.

Charles Fourier: a reconstrução do mundo em utopia e ficção científica

Ivone Gallo (U-TOPOS)

Aspectos da obra de Charles Fourier permitem uma abordagem da complexa relação entre utopia e ficção científica, termos que *a priori* pareceriam excludentes se aceitássemos o fato de nada haver de ciência em utopia, bem como nada pudesse haver de utopia em ficção científica. Considerando isto, o nosso propósito é o de analisar os termos em que seria possível percebermos identidades formais e essenciais entre as características peculiares do socialismo utópico de Charles Fourier e os elementos distintivos da literatura de ficção científica. A relação entre os dois termos abre uma perspectiva de leitura do socialismo utópico de Fourier como ciência renovada para a construção de um novo mundo e da ficção científica como a imaginação

e possibilidade de novos futuros a partir do tempo presente. Vislumbramos a partir dos argumentos apresentados um ponto forte de comunicação entre utopia e ficção científica. A nossa análise terá como foco a *Cosmogonie*, de Charles Fourier, bem como o seu *Théorie des quatre mouvements et des destinées générales*, publicado pela primeira vez em 1808.

A Babel do Futuro: Por uma tradução da arquitetura eloqüente em *Metropolis* e *Blade Runner*

Alfredo Suppia (UFJF)

Esta comunicação pretende discutir aspectos cenográficos/arquitetônicos enquanto metáforas visuais de atuação destacada nas respectivas fábulas de *Metropolis* (1927), de Fritz Lang, e *Blade Runner* (1982), de Ridley Scott. *Metropolis* é um filme fundador que criou uma estética própria e influenciou inúmeras realizações posteriores. *Blade Runner* foi claramente influenciado por *Metropolis*, tornando-se um *cult movie* e um dos filmes mais representativos dos anos 1980. Em ambos os filmes, a arquitetura assume um caráter crucial. Tanto em *Metropolis* quanto em *Blade Runner*, a cidade abandona o caráter de mero palco da ação, vindo a reclamar o *status* de um protagonista onipresente, de extrema eloqüência em suas múltiplas facetas. Em resumo, podemos equacionar alguns elementos cenográficos ou concernentes à “arquitetura imaginária” comuns a ambos os filmes, tais como o hermetismo dos espaços, a verticalidade, a metáfora do labirinto, a referência ao mito babilônico e a oposição entre arcaísmo e tecnologia. Nesta comunicação faremos comentários a cada um desses aspectos.

A ficção do cientista

Fernando Morato (UNICAMP)

Já no início da era moderna, antes mesmo do desenvolvimento da Ficção Científica, é possível identificar alguns diagnósticos da ruptura entre pensamento científico e formação humanista que vai estar na base do gênero. Um dos pontos de inflexão desse diagnóstico pode ser identificado nas sátiras inglesas (não por acaso, o país emblemático do pensamento científico moderno) do início do século XVIII. Deste ponto de vista, a leitura da "Modesta proposta" de Jonathan Swift pode ser enriquecida por um olhar que procure encontrar nela os vislumbres das futuras distopias da Ficção Científica já na própria alvorada da Revolução Industrial.

História das viagens à lua: um percurso e uma apresentação de *Man in the Moone* de Francis Godwin

Bruna Pereira Caixeta (UNICAMP)

As maneiras historicamente distintas de abordagem da viagem à lua no gênero da ficção científica podem ser distribuídas em dois amplos períodos. Um anterior (ou próximo) às três grandes revoluções – a científica, a industrial e a tecnológica –, e outro posterior ao estabelecimento efetivo da ciência, ou seja, pós as três revoluções mencionadas (séc. XX adiante). Aos ficcionistas pertencentes ao primeiro grupo interessava, em primeiro plano, o que poderia ser feito com a ciência e quais seriam as suas possibilidades de configurar um novo mundo. Aos do segundo, principalmente, avaliar os efeitos provocados pela ciência, sobretudo os sociais. Se admitirmos que a ficção *The Man in the Moone* (1638), do bispo inglês Francis Godwin, deve ser classificada como uma ficção científica, ela melhor se enquadra no primeiro grupo do gênero. A historieta de Godwin é um breve relato que o espanhol Domingo Gonsales faz das suas viagens à fictícia Ilha de Santa Helena, à Lua e à China. Durante elas perpassa discussões astronômicas, a invenção científica, o processo de colonização inglês na passagem da

dinastia Tudor para Stuart e a organização de uma sociedade ideal à maneira dos utopistas de Morus. Ainda que o enredo afigure-se como satírico e dotado do utopismo prático e cientificista das narrativas utópicas do século XVII, à semelhança da *New Atlantis* de Bacon, sua ficção desemboca sempre no pensar maneiras das pessoas se comunicarem à distância, e um meio de transporte aéreo; ou seja, preocupa-se com o desenvolvimento do aparato científico à maneira das ficções científicas do *Seicento*. Será objetivo da comunicação propor um percurso histórico para as narrativas de viagem à lua e apresentar a ficção *Man in the Moone*.

Ficção Científica em Minas Gerais: Considerações sobre *Infinito em Pó*, de Luís Giffoni

Humberto G. Pereira (UNINCOR)

Ficção Científica é um gênero literário que lida com a ciência, tanto real quanto imaginada e seu impacto numa determinada sociedade. De acordo com Causo (2006) *a ficção científica existe no Brasil pelo menos desde a segunda metade do século XIX*, tendo como fundamento os avanços da ciência moderna, o que reforça a apropriação do conhecimento científico para criar universos ficcionais. Ao estudar o cânone e a ficção científica brasileira na sua origem, percebe-se que a mesma apareceu como uma espécie de sublitteratura, dirigida a um público reduzido e muito específico, devido à marginalidade do gênero num país onde poucos autores se dedicaram a produção literária de FC. A presente comunicação tem por objetivo apresentar a obra “*Infinito em Pó (2004)*”, considerada pela crítica uma Ficção Científica visionária, pois enquanto especula sobre as soluções tecnológicas do futuro, aponta para os paradoxos do presente. No texto, Giffoni aborda a extensa viagem de uma espaçonave gigantesca, capaz de preservar várias gerações de seus tripulantes, rumo ao sistema Alpha Centauri, o mais próximo do nosso sistema solar e fadada ao encontro inesperado com um miniburaco negro.

Uma introdução ao estudo da moderna ficção científica brasileira a partir de Berilo Neves

Daniel Castello Branco Ciarlini (UESPI)

O gênero da ficção científica no Brasil divide-se, basicamente, em dois períodos: proficção científica e ficção científica moderna. No primeiro grupo, registram-se as primeiras narrativas de especulação, dentre as quais *História do futuro*, publicada em 1718 pelo padre jesuíta Antônio Vieira, e *O doutor Benignus* (1875), fortemente influenciada por Júlio Verne e Wells, de Augusto Emílio Zaluar que, embora português, fez palco de sua obra o cenário brasileiro. Ainda nesse grupo podemos classificar o conto *O imortal*, de Machado de Assis, publicado em *Relíquias da Casa Velha* (1906), por abordar um dos temas mais esotéricos do gênero nas décadas seguintes: a imortalidade. O presente estudo visa analisar o surgimento, no Brasil, das primeiras histórias da ficção científica moderna propriamente dita, publicadas na segunda década do século XX por autores brasileiros, quando da publicação de romances científicos abordando temáticas de eugenia e higienistas, além de assuntos outros que antecedem, inclusive, a *Geração de Ouro* de John W. Campbell Jr. Dentro desse rol encontra-se *A liga dos planetas* (1923), de Albino José Ferreira Coutinho e *O presidente negro ou o choque das raças* (1926), de Monteiro Lobato. Tais análises servirão de base para considerar peculiaridades nos contos de Berilo Neves, autor que estreou em 1929 com a obra *A costela de Adão*, responsável por introduzir nas narrativas brasileiras a primeira espécie de andróide, o *Sr. Carlos Autogênico*, dotada de Inteligência Artificial, bem como expor a sociedade brasileira (em especial a carioca) e seu respectivo espaço geográfico transformados pela ciência e tecnologia, diferindo, por isso, dos autores antecedentes – o que o torna uma espécie de *pulp writer* brasileiro precursor da moderna *FC brasileira*, em perspectiva tanto *hard* quanto *soft*.

O simulacro do ser humano de Brian Aldiss

Milene Baldo (UNICAMP)

A partir do conceito de simulacro de Platão, apresentado em sua obra *A República*, e de outros estudos como o de Jean Baudrillard, *Simulacros e Simulações*, pretende-se analisar a figura dos autômatos, especialmente a do protagonista, David, em três contos do inglês Brian Aldiss – *Superbrinquedos duram o verão todo*, *Superbrinquedos quando vem o inverno* e *Superbrinquedos em outras estações* - como simulacros dos seres humanos. O principal intuito será compreender a novidade que esta obra traz para o campo da temática das criaturas autômatas na literatura, referenciando-se em clássicos influentes como as lendas do Golem ou *Frankenstein*. Para tal, far-se-á uma investigação das representações dos seres humanos e das máquinas nestes contos, bem como a maneira pela qual se apresenta a relação entre homens e máquinas e entre máquinas e máquinas. Tudo isso relacionado ao simulacro platônico de modo a compreender a implicação de tais concepções para a própria concepção (utópica?) do humano.